

O Método Escoteiro como ferramenta de prevenção de Saúde Mental

*“Como ser feliz-embora rico ou pobre.
Uma viagem de canoa é semelhante à viagem da vida.
Um velho marujo deve passar adiante os segredos da pilotagem.
O único Sucesso verdadeiro é a Felicidade.
Dois passos para a felicidade: levar a vida como se fosse um jogo e dar a todos Amor.
Os Burneses são exemplo de povo feliz.
A felicidade não é um simples prazer, nem consequência da riqueza.
É mais o resultado do trabalho ativo, do que o gozo passivo de um prazer.
Seu sucesso depende do seu esforço individual na viagem da vida
E de evitar certas escolhas perigosas
A autoeducação, em continuação ao que você aprendeu na escola, é necessária
Vá pra frente com confiança.
Conduza com o remo a sua canoa!”
Do livro Caminho para o sucesso – Baden-Powell*

O sofrimento do jovem de hoje é interpretado como tristeza, apatia, tédio, desinteresse, indiferença; mas o que acontece quando os sentimentos não são tratados na atual cultura individualista? Esses sentimentos se tornam sofrimentos individualizados: o jovem não verbaliza esse sofrimento, ele não tem os recursos próprios nem autonomia emocional para compartilhar. O que faz com que ele se sinta desqualificado, incapaz, um fracassado ou um doente.

A presença de sentimentos intensos de tristeza, isolamento, graves sintomas de ansiedade e depressão que culminam com frequência em atos concretos como o suicídio, são temas frequentes atualmente em nossa sociedade, sobretudo entre os jovens e adolescentes, propondo novas maneiras de sofrer devido a esse sentimento de inadequação. A juventude dos anos 2000 é uma geração que sofre com a inadequação do seu próprio corpo, do modo de produzir seu desempenho na escola e no trabalho, de seu modo de praticar sua vida social e da sua maneira de ser feliz!

Os indicadores de sofrimento mental entre jovens e adolescentes, em especial naqueles que correspondem à idade do Ensino Médio e em cursos de graduação e pós-graduação no Brasil e no mundo, chegaram a níveis alarmantes nos últimos dez anos. Epidemias de déficit de atenção e o consumo de medicamentos como o Cloridrato de Metilfenidato - (Ritalina) chegou a 1.000% no aumento de sua taxa nos anos 2015-2018 no Brasil.

A automutilação vem se tornando cada vez mais frequente entre jovens e adolescentes. Esse comportamento em geral inicia-se na faixa entre 12 e 13 anos e se estende até os 30 anos, mas existem relatos de casos na infância. Também chamado de *cutting*, com maior incidência entre as meninas, teve um aumento significativo nos últimos 20 anos. A adoção dessa prática é descrita como uma maneira de aliviar as angústias, um intenso sofrimento emocional que busca na dor do corpo um sentido para a dor psíquica.

Ansiedade enquanto patologia é um comportamento que responde à percepção de necessidade de um controle constante do futuro, exige de si mesmo mais atenção e maior capacidade para soluções de problemas, como um hábito diário de esforço e condição para a sobrevivência. Já a depressão é um pedido de socorro associado ao sentimento de culpa pela incapacidade de produzir; o sofrimento psíquico tira a capacidade de imaginar, criar, produzir e se relacionar. O sofrimento não *escutado*, não compartilhado, é individualizado e ao se transformar em sintoma define o indivíduo como o fracassado desorganizado ou o “doente”. Mas quando o sintoma não tem mais resposta nesse conflito individualizado, quando os mecanismos de resposta deixam de funcionar, o jovem comete o ato do suicídio.

A cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo: são 800 mil mortes por ano, 11 mil só no Brasil, chegando a até 32 casos por dia. Programas de prevenção reduziram a estatística na Europa Oriental, Austrália e EUA, mas no Brasil teve um aumento de 60% desde 1980 ocorrendo 20% apenas entre 2013 e 2018.

O suicídio é hoje a segunda causa de morte entre os 15 e 24 anos de idade no Brasil e a quarta causa de morte entre os jovens no mundo. As tentativas são mais frequentes entre as meninas e o ato concluído, entre os meninos. É sabido que 90% das pessoas que se suicidam possuem algum transtorno

mental, como depressão, esquizofrenia ou isolamento social, mas grande parte dos transtornos não são diagnosticados e nem encaminhados para atendimento especializado.

Pesquisas na Universidade da Flórida realizadas durante cinquenta anos sobre os fatores que levam um sujeito ao suicídio não conseguiram traçar esse perfil. Mas alguns comportamentos são e devem ser levados em consideração: mudanças bruscas na escola e na família, insônia, isolamento, desinteresse em atividades consideradas prazerosas, não participação em atividades na sala de aula e um adolescente muito expansivo que passa a se comportar introvertidamente.

Visita recente ao médico para consultas está presente em 60% dos casos. Várias tentativas, apologias a atividades de riscos e sujeitos causadores de *bullying* são perfis que com frequência estão presentes nos casos de suicídio entre jovens e adolescentes, infelizmente somente detectados após o ato.

Pesquisas com objetivos de criar procedimentos de prevenção chegaram às seguintes conclusões: o suicídio é um processo global que acontece com maior frequência nos países onde os jovens sofrem um maior processo de individualização do sofrimento, como, por exemplo, Coreia e Japão. No Brasil as taxas são altas, mas levando em consideração os países Escandinavos, Balcãs e Japão, ainda estão abaixo dos valores mundiais.

Mas o que chamou atenção nesses resultados se refere em especial à Guatemala, um país que escapa desses altos índices. País com pobreza endêmica, guerra civil, caos, porque nessas condições as taxas de suicídio não sobem? Observa-se que exatamente pelos fatos históricos que descrevem tanta violência nessa sociedade, resolveram estabelecer uma política de Estado de pacificação do país. Sem recursos financeiros para desenvolver essa política, levaram as pessoas a contar histórias de família, falando umas com as outras em detalhes, sobre suas perdas e sofrimentos de familiares, da comunidade e cidades, compartilhando esse sofrimento. Isso pode levar a supor que o caminho da prevenção está na escuta, verbalizada ou inconsciente. No Japão, após o evento do tsunami de 2011, uma queda gradativa vem ocorrendo nos índices de suicídio, despertando a consideração de que a exposição de um sofrimento generalizado e em massa pode afetar o sentido de existência.

A escuta do outro não necessariamente é realizada por um médico ou um psicólogo; a experiência de laço social de uma pequena comunidade que se estende além da família possibilita narrativa, conhecimento e transmissão. O que possivelmente influencia a não criação de sofrimentos psíquicos e sintomas incapacitantes, pois sofrer e conviver com o sofrimento alheio é uma forma normal de viver e de compartilhar a vida com o outro.

No início do século XX, crianças e adolescentes se vestiam como adultos, pois eram considerados adultos ingênuos. As meninas se casavam cedo, com quatorze/treze anos, sem direito na escolha de seus parceiros, e eram preparadas para viverem o ideal da maternidade, porque ser uma boa mãe era a maneira de sobreviver a esse casamento. Os meninos iam para o campo ou para o ofício de seus pais. E as turbulências hormonais da sexualidade e o sofrimento hoje descrito como normal na adolescência não eram respeitados. Alguns tinham sua sexualidade iniciada com prostitutas ou se casavam muito cedo, com dezessete/dezoito anos. No entanto, os filhos adoeciam menos, existem poucos relatos de suicídio de adolescentes nessa época. Os cuidados constantes, as cantigas de ninar, o colo, o investimento afetivo com limites e a presença da mãe lhes permitiam uma boa infância, que compensava o sofrimento na adolescência.

Por volta de 1925-1930, as famílias ficam mais numerosas, e os adolescentes começam a se casar um pouco mais tarde, devido à necessidade de cuidar dos irmãos mais novos. Surge então a oportunidade de serem adolescentes, criam-se vínculos afetivos de amizades nos quais o amor pela família é transferido para os amigos através dos jogos de rua, nos clubes, internatos e grupos de escoteiros já presentes na sociedade mundial. Os “Diários”, instrumento que possibilita ao adolescente verbalizar suas angustias internas mesmo que seja através da escrita, se tornam muito populares, permitindo pela primeira vez na história tomar consciência de como a angustia é prevalente nessa idade.

Outro momento marcante para a história da adolescência, situa-se no Pós-Guerra - anos 50. Surge na sociedade mundial, em consequências das duas grandes guerras mundiais e início da Guerra Fria, um sofrimento muito complicado - a Melancolia - uma forma sombria da depressão. Uma expectativa de que o mundo ia acabar a qualquer momento em bombardeios realizados por mísseis, um sentimento profundo da ameaça de perder seus filhos para a guerra. A adolescência é inspirada na

temática do filme “*Juventude Transviada*”, o sujeito em cima de uma moto desafiando e criando seu próprio destino, um prazer vivido entre a vida e a morte. Aumenta o consumo de álcool e drogas, surgem as brigas de “*gangues*” com posse de armas e identidades grupais definidas e morrendo com muito mais facilidade. A família nessa época é caracterizada por falta de investimento afetivo, quando os pais deixam de investir seu afeto de uma maneira mais intensa em função de um medo inconsciente de perder seus filhos para a morte.

Anos 60 e 70: em evidência a luta pela liberdade de poder fazer seu próprio destino, a certeza de que deveriam fazer algo diferente. Mas uma época de menos investimento afetivo do que a de vinte anos atrás, os bebês ficam mais no berço do que no colo, os pediatras iniciam uma campanha para amamentação materna, mas as mães preferem as mamadeiras e “chupetas”. Uma necessidade de proteção em consequência da morbidez herdada da melancolia da ameaça de perder o filho. Nessa mesma época nasce a contracultura, uma nova maneira de atacar o *status* através de protestos; em contrapartida famílias se tornam mais consumistas, compram casas, compram carros, nasce a segmentação da moda, a moda para a criança, para o adolescente.

Cada vez mais a melancolia de perder o filho vai se confundindo com uma sociedade que aumenta o consumo através da televisão, jornais e em especial pela vida digital para os nascidos depois de 1985. Surge a descrença na religião, na ciência que trouxe a arma e as doenças, e na política ficando em evidência a cultura do princípio do prazer, aumenta a necessidade de realizar todos os desejos dos filhos, sem frustração, sem medo e sem culpa, “viver a vida como uma festa, vivida em estrutura de viagem” produzindo um sentimento de inadequação perante a felicidade de todos como apresentada na internet em redes sociais na atualidade.

As crianças não aprendem que medo, raiva, frustração, culpa e perda são necessários para entender a vida, é preciso deixar esclarecido a necessidade de conviver com o medo. Mas, no final dos anos 90 o discurso dos pais transmitia a impossibilidade de sofrer o medo, estes eram substituídos pela televisão, pela luz acesa, o que retirando dela a capacidade de se proteger, afinal o medo é a sua proteção.

A raiva e a frustração são eliminadas oferecendo algo para que ela deixe de existir, como o chocolate por exemplo, em troca dos gritos no ouvido da mãe.

E como a culpa da criança é absorvida pelos os pais, que retiram a culpa da criança, surge uma sociedade que sente prazer causando danos ao outro, sem consciência de que todo ato tem consequências. Uma adolescência violenta sem o investimento afetivo dos primeiros anos de vida que passa ser intensamente angustiante.

O medo de perder os filhos permanece na cultura e no cotidiano das famílias, dando aos filhos autoridade que deveria ser dos pais, os pais deixam de ser reis e rainhas em seus lares e dão aos seus filhos o direito de serem reis deles mesmos. Permite-se ao filho realizar todos os seus desejos, como deixá-lo dirigir o carro com apenas 15 anos, com receio de que ele nunca consiga essa realização em decorrência de uma fatalidade. Essa bondade, essa dificuldade de dar limites, não é uma dificuldade simples, é o medo de dar limites e depois se sentir culpado pelo limite de amor que não foi dado.

Tudo começa pela criança, a necessidade de ter uma identidade cria algo muito importante, como construir e realizar todos os desejos de produção, trabalho, amor. Jacques Lacan, psiquiatra e psicanalista francês, descreve que o desejo fundamental do ser humano é ser desejado pelo outro, vive-se a vida toda em busca do desejo que foi perdido em algum lugar na sua infância, adolescentes tentam encontrar e vivem angustiados em busca do que foi perdido. O uso de álcool e drogas, por exemplo, elimina essa angústia da perda intensificada quando o adolescente não se sente desejado, adequado perante o olhar dos amigos ou incapaz no resultado final das avaliações na escola.

Após o nascimento existe uma necessidade de construir uma entidade psíquica definida como ego, e essa condição se dá por meio do cuidado da mãe no dia a dia, com os mesmos rituais de repetição necessários na criação dos pontos de fixação que permitem o encontro do cérebro e do psiquismo, o que possibilita o sentimento de pertencimento.

Do segundo ano até o quinto ano de vida o cérebro evoluído ganha o funcionamento da amígdala cerebral, o nosso condutor do medo e da raiva. Uma criança normal ao ser retirada do prazer do seio da mãe ou do brincar vai gritar, vai espernear, vai reagir e o papel desse cuidador é mostrar pra essa criança que ela pode suportar essa frustração. Ao sentir que é capaz de suportar a frustração,

ela fortalece esse ego construído no primeiro ano de vida. Quando a criança faz birra e a mãe bate na criança, chora ou sai de cena ela começa a se sentir uma criança má, e acredita que a mãe não a deseja, e esse é o sentimento de angústia que carrega consigo até a sua adolescência.

Usualmente, o adolescente é caracterizado pela ideia de fazer a contestação, a revolta de um modo de estar no mundo a criticar valores já constituídos. O que se pode afirmar é que algo novo aconteceu na relação entre as gerações; ao se considerar revolta, críticas e rebeldias de outros tempos como sintomas de sofrimento, pode-se afirmar que os jovens criaram sintomas substitutos para esses sentimentos: tristeza, apatia, tédio, desinteresse, indiferença. Esses são adjetivos verbalizados pelos pais, é um “diagnóstico” de uma geração feito pela outra, esperando comportamentos de alegria, entusiasmo, rebeldia e críticas semelhantes aos seus quando tinham a idade de seus filhos.

Essa é uma percepção muito diferente da que tiveram seus avós na adolescência de seus pais; eles proporcionavam escola, apoio, palavra, história, uma base para ajudar na formação do caráter de seus filhos, pois proporcionar esses recursos era responsabilidade dos pais. Mas a felicidade seria uma tarefa de conquista do próprio adolescente, nos seus próprios termos, afinal ele se opunha à maneira de ser de seus pais.

Os pais hoje têm uma expectativa de felicidade sobre seus próprios filhos, como um critério de obrigação, sucesso e responsabilidade deles próprios, e não mais como responsabilidade dos filhos. A felicidade do filho passa a ser uma extensão da felicidade dos pais, o filho tem obrigação de encontrar a felicidade para os pais serem felizes e se sentirem capazes.

Na adolescência as angústias reaparecem em forma do medo de que escolhas profissionais não satisfaçam o desejo dos pais. Não namoram, apenas “*ficam*” com medo de escolher o amor e serem abandonados, traídos, ou de “dar errado”. Necessita-se resgatar os “Diários” ao invés de palavras superficiais escritas nos Facebooks, Twitters e Instagrams. Essa angústia precisa ser trazida pra dentro de casa por meio da escuta dos pais, ao invés de viverem apenas a suposta afetividade digital que tira da família a responsabilidade pela transferência do afeto para verdadeiras amizades como ocorria no passado, ao invés desse vazio presente no universo de parceiros virtuais que apenas convivem.

O jovem sente que é desejo do outro, quando existe uma história que pode ser compartilhada, isto é, quando existe a possibilidade de dividir suas angústias com pessoas que o desejam. Muitos desses sintomas são pedidos de atenção aos pais; estes com frequência se afastam pois não suportam as angústias de seus filhos. É necessário o acolhimento dos filhos e suas angústias, diante dessa sociedade de consumo, pois sua referência de vida sempre será dirigida ao desejo de ser desejado.

Quando Robert Baden-Powell, o general inglês, retornou à Inglaterra como herói da guerra contra os *boers*, encontrou a juventude do império britânico entregue a uma vasta crise. A prosperidade foi substituída pela depressão econômica com conseqüente baixa dos salários, alto nível de desemprego e um clima de pessimismo. Jovens desempregados desfilavam diariamente com caixas de esmola nas ruas e a população de Londres (à época a cidade mais rica do mundo) chegou a ter 30% de desnutridos. O crime e o vandalismo cresciam, e o vício desenvolvia-se principalmente entre os jovens sem perspectivas, levando às casas de detenção jovens infratores pálidos, fracos e dependentes. Diante dessa situação, sem ter certeza de como poderia ser útil, Baden-Powell fez contato com várias organizações juvenis.

Em 1904, atuou como inspetor geral na Brigada de Rapazes em Glasgow – Escócia. Chegou à conclusão que se o treinamento fosse além do que o até então adotado, mais jovens estariam ingressando na Brigada. Até mesmo em seu trabalho com os homens no Exército, já assumia a prática de se afastar cada vez mais do programa formal, criando novas oportunidades mais agradáveis de desenvolver um esquema de treinamento individual em coragem, inteligência, iniciativa e espírito de aventura.

Baden-Powell propôs atividades em praças e bosques, utilizando práticas individuais ou em pequenos grupos: observação e dedução, primeiros socorros, avaliações, caminhadas, sinais e pistas, nadar, acender o fogo com apenas dois fósforos, cozinhar sem utensílios, corrida de orientação usando bússola, o que naquela época, para aquele grupo de meninos essas atividades pareciam mais jogos e brincadeiras do que uma atividade de treinamento propriamente dita.

Roger Callois, um pesquisador sobre o ato do brincar, afirma que brincar cria laços e vínculos, mesmo que temporários. E se brincar é semelhante a jogar, significa que jogo e cultura estão intimamente ligados. Através de conceitos em sânscrito os definiu da seguinte forma:

- *Agón*, jogos com características de competitividade, de luta, de confronto, de disputa.
- *Alea*, que se refere aos jogos de sorte, que não dependem apenas do jogador, pois há um contexto externo que define o jogo
- *Mimicry*, que se relaciona com a fantasia, o imaginário, a imitação, a mímica o disfarce
- *llynx* que se refere àqueles jogos provocadores de vertigem, da instabilidade da percepção, da tonteira.

O que muito bem anteviu Baden-Powell no método criado em 1907, foram propostas de liberdade de aprendizado, os diferentes estágios básicos para que ocorra o desenvolvimento da criança, a necessidade da imaginação e idealização de fantasias fazendo referência aos heróis da história. Do envolvimento afetivo e emocional e não apenas biológico e social, mas principalmente com a interação com e pelo exemplo do adulto, de uma educação individualizada centrada na criança e caracterizada pela confiança e autonomia, pela importância dos vínculos sociais e da vida em comunidade.

Pois através do jogo, o jovem encontra alimento para sua condição humana como sujeito na cultura ou sociedade, buscando dar significado de adequação a sua vida. Demonstra um movimento interno e externo ao mesmo tempo, repetitivo e comparado aqueles aprendidos nos primeiros anos de vida com o intenso investimento afetivo realizado pela mãe cuidadora que lhe possibilitou a formação do ego.

O hábito das canções resgata os ritmos do colo e das cantigas de ninar ou nas cerimônias e rituais que repetem lembranças inconscientes de comportamentos aprendidos no primeiro ano de vida com o objetivo de criar um sentimento de pertencimento. Nas conversas ao pé de fogo que trazem a contação de histórias de ancestrais e narrativas de angústias e sofrimento, através das fantasias e o imaginário representados nos esquetes de Fogos de Conselho.

O jovem quando joga está em estado de busca, de destruição e recriação de escolhas, de conflitos, limites, competições que proporcionam frustrações. De equilíbrio, de contraste, de união, de compartilhamentos e de externalização da sua angústia. Por meio do planejamento e prática de acampamentos temporários, constrói e desconstrói campo e pioneirias, monta e desmonta barracas, desenvolve uma linguagem emocional alternada entre desejo e desejo de ser desejado.

Isso explica o sentido da eterna mobilidade e inconstância no viver do ser humano, se a vida não é estática necessitamos de estar sempre em movimento e provocando vertigens, ou desafiando noites frias e muitas vezes chuvosas porque jogar com a sorte é abrir mão de definir o jogo. Talvez isso possa explicar o empenho em desafios e aventuras com riscos seguros na tentativa de diminuir a dor psíquica, levando o corpo físico à exaustão após grandes jornadas e longas travessias, perigosas e temerosas escaladas e a entrega em fortes corredeiras e cachoeiras.

Ação Comunitária e serviço contribuem no desenvolvimento pessoal e possibilitam um sentimento de pertencimento social. Despertar para a consideração e o entendimento do sofrimento do outro transforma o sentido de existir. Insígnias especiais que proporcionam reconhecimento, sentimento de capacidade e realização e seu papel motivador na autoconfiança em realizar seus projetos e de conquistas. “Tenho um projeto para minha vida” como norteador de suas ações, desenvolve autonomia e capacidade produtiva tanto no movimento escoteiro, quanto na sua vida pessoal

Lila em sânscrito significa muito mais que brincar e jogar, significa brincadeira Divina...estar perto de Deus! E talvez se sentir perto de Deus nos faz reportar ao sentido de Super-homem, como aquele que tem de estar sempre atento na defesa da sua família. Ou como alguém prático e eficiente que cuida de si para poder salvar os outros. Ou ainda que se preserve a mãe (rainha) no lugar do bebê para que esta não deixe outra criança sem limite e sem afeto, permitindo-lhe o desejo de ser desejado para outros ensinar a “Brincar” e a “Colecionar Momentos de Felicidade”!

O Propósito do Movimento Escoteiro sempre foi alcançado por meio do Método Escoteiro, utilizando-se dos instrumentos de um Programa Educativo. A Formação de Adultos, por exemplo, foi estabelecida com o objetivo de preparar adultos para a aplicação do programa junto aos jovens.

O Programa Educativo, como é conhecido hoje, é recente e fruto de um processo de amplo diálogo e reflexão. Originalmente, o programa apresentado por Baden-Powell, no livro *Escotismo para Rapazes*, apresentava um conjunto fixo de atividades. Com o passar dos anos o programa amadureceu e foi se aperfeiçoando, mas sempre mantendo a unidade conceitual ao redor do mundo.

O comprometimento do Mestre Pioneiro com a sua própria saúde mental desenvolve a capacidade de escuta e permite acolher as angústias do jovem. Decorre de vínculos de confiança, respeito com as diferenças geracionais e empatia, entendendo que esse jovem construiu valores diferentes dos seus. Se o jovem Pioneiro deve se sentir pronto para remar sua própria canoa, seu Mestre tem como responsabilidade orientá-lo a construir seus próprios remos!

Simoni Aparecida Santana
Psicóloga e Psicanalista

<https://www.youtube.com/watch?v=x6kbGzl8XVo&t=2433s> Christin Dunker – Tristeza e Ansiedade na Adolescência

<https://www.youtube.com/watch?v=vghvDgunGHc&t=1388s> Ivan Capelato, Adolescente, ontem hoje e amanhã.

Brincades – Alysson Carvalho e outros

Desenvolvimento e Aprendizagem -Alysson Carvalho e outros

Escotismo para Rapazes – Robert Baden-Powell

Caminho para o Sucesso – Robert Baden-Powell

O Chapelão- Antonio Bulanger

Política Nacional do Programa Educativo da União dos Escoteiros do Brasil

Política Nacional de Adultos no Movimento Escoteiro.